

Carvalho Guimarães

Nº _____
Data _____/_____/_____

As. Dr. Verbaus Santos

patrício - amigo

cordialmente

agf

6-2-917

Carvalho Guimarães

SOMBRA PAGÃ

ORMA
867.41
e 3345

RIO DE JANEIRO

MCMXVI

1916

1.33613
1.33615

MEUS VERSOS

Meus versos

Sois as fibras vitaes do grande Sentimento
Que domina o meu Ser e mata a minha Vida,
— Velha arvore sem fruto ou tronco sem rebento
Regado pelo sangue hostil dessa ferida

Incuravel de Amor... Soltar-vos-hei ao Vento
Forte do Outono... Abri a porta estreita e ungida
De Esperança e de Fé... Entrae neste momento
Cantando a vossa Magua e eu fico em minha lida.

Abri os braços nus á Peleja, aos apodos :
— Sêde fortes de mais, para enfrentar a esteira
Dos que vivem na Vida a maldizer de todos...

Brilham no vosso olhar as almas das creanças,
E eu vos quero e vos amo, em minha vida inteira,
Versos, que sois, de Amor, as minhas esperanças !

VIDA REAL



Sonho de arte

A Cosinha Netto

Anda uma sombra vaga em meu caminho... Leve,
A's vezes, indecisa e fugitiva e suave...
Tem o corpo divino, esculptural, de neve,
Delicado de mais, como o corpo de uma ave...

Na regia flexidez das suas fórmas, breve
Penso encontrar, talvez, deste meu sonho a chave ;
Mas... fugitiva e suave, ella foge de leve
E, agora, me parece altiva, austera e grave !

E vejo-a no meu Sonho... A' luz do Sentimento
Meu, surge branca e erecta... E, sempre, á minha vista,
Ella — a Sombra — se esvae no véo do Pensamento...

... E a Sombra és tu, minha Arte... a Sombra fugitiva
Que, muita vez, encontro em meus sonhos de artista,
E sempre, vaga e incerta, eu te procuro viva !...

O futuro da América

A' Mocidade Brasileira

AMERICA :

Que serei eu, Senhor, d'aqui a douis mil annos
De vida sem viver, de luta e de combate ?

— Um Mundo sem entrada, um Deserto sem vida,
Quem o sabe ? Talvez ás garras dos tyrannos
Estarei nesse tempo... A' minha porta bate,
Desde os tempos primaes da gloriosa partida
Do meu descobridor, um Monstro desconforme
Que erguendo, a cada instante, a juba desmedida,
A' minha sombra augusta elle revive e dorme...

Sabeis-lhe o nome ? — E' a Inveja — Esse supremo dom
Do mao e do trahidor, da féra contra o bom...

Quem o pôde domar, quem o pôde vencer
Se é grande o seu valor, se grande é o seu Poder ?

— A' custa do troar da boca dos canhões
Tornou-se elle um gigante — apostolo do Mal,
Para os fracos vencer e conquistar nações
No concerto do Bem da vida universal !...

O TEMPO :

Vencida não sereis... Sois forte e sois fecunda...
Da sombra que vos guia, a luz que vos inunda
A fronte é a luz de um sol mais nobre e mais altivo
Do que todos os sóes do Mundo primitivo...
Lutae para vencer ! Vosso futuro é grande
E é grande o vosso nome, a quem milhões de heróes
Adoram, como a um Deus, cujo poder se expande
Sobre o Universo inteiro, a jorrar em cascata
Novos filões de luz feitos de novos sóes,
Que derramam na Terra as laminas de prata,
Coruscantes de Vida...

AMERICA :

A guerra é muito ingrata...
Não terei braço algum, para a grande batalha :
E' triste a minha sina ! Exhausta, sem poder,
De uma vez, abafar o fogo da fornalha :
— Essa guerra fatal que um dia ha de vencer
A peso de canhões, de balas, de granadas,
E em que o sangue dos bons, o sangue dos guerreiros,
Recordando outra vez o tempo das cruzadas,
Lavará pelo campo as patas dos sêndeiros,
Ensopará de sangue a areia das estradas !...

E na victoria não creio :
Já vencida cambaleio
Sem forças para lutar....
Meu Futuro é como a Lenda,
Não ha saber que o entenda,
Nem quem o possa atinar....

Por mais que me esforce e lute,
Sem ter ninguem que me escute
A voz na afflição extrema ;
Hei de curvar-me vencida,
Talvez no peito ferida,
Nessa batalha suprema !

* * *

Meu Continente é grande. Habita-o gente forte
Capaz de o defender, capaz de o libertar
Do jugo que o mantem aos pés dessa cohorte
De velhas ambições... mas, para que tentar ?...

E para que tentar, se a minha é a mesma sorte
Da terra dos hebreus ?... Fôra preciso dar
A cada americano orgulho para a Morte
Para saber vencer, para saber lutar...

O Civismo morreu no novo Continente !
Não ha quem tenha Fé na conquista da Glória,
Na luta pelo Bem, maravilhosamente...

Ouço o tropel febril dos lanceiros á vista,
E espero, a cada instante, o grito de Victoria
Já no goso triumphal da primeira conquista !

* * *

Intensa força agita os pródromos da guerra :
Esqueletos febris de homens fortes e bravos
Desfilam, um a um, sem coragem, na Terra,
Envolvidos na Treva e da Ignorancia escravos !

E a Natureza é um astro que os fulmina,
E' sombra que os envolve num sudario ;
Tal como o Christo, têm a mesma sina :
— As derradeiras horas n'um Calvario !

Homens sem fé, sem luz, sem ambições,
Desconhecem da Vida todo o mal ;
Pensam que nas entranhas dos leões
· Germina um dia a Vida e cresce o Ideal !

Pasto serei de monstros e de feras,
Vendidos em leilão serão meus bens :
— Levanta-te, Colombo, por quem eras,
Descobrir-me, outra vez, por que não vens ?

O TEMPO :

Sois descrente demais... A Gloria vos acena :
Nova luz illumina a vossa fronte augusta
E conduz-vos, de braço, á Vida...

AMERICA :

Não ! A scena
E' sangrenta e fatal e essa conquista é justa,
Para quem, sem amor á Terra que o sustenta,
A entrega aos canibaes... Ouço o éco da Tormenta
No horizonte de fogo em que vejo traçado
Meu misero Futuro — o eterno Desgraçado
Que ha seis mil annos anda esquecido, a vagar
Pela Terra sem luz.

O TEMPO :

Haveis de descansar.

Nunca sereis vencida em luta deshumana !...
Tendes braços demais para a grande Peleja,
Que ha de infiltrar, no Povo a Idéa soberana
Do que seja o Civismo e do que a Patria seja...

AMERICA :

A Europa é sempre grande, a Europa é sempre forte,
Ha de vencer um dia, ha de plantar um dia,
A semente do Mal no meu sólo vidente !
Alta e senhoril, nesse soberbo porte
De rainha do Mundo, em seu orgulho ardente,
Ella suspende a fronte e levará de rastros
O cadaver do Bem, nas sombras da Agonia...
Negro ponto fatal descubro em meu Destino !
Medonho vendaval ha de quebrar os mastros
Da galéra de luz das minhas esperanças...
Domina-me a altivez do monstro-beduino,
— Essa raça de heróes, esse europeu fogoso
De musculos de ferro e sangue venenoso !...
Ondas do mar da Vida, agora sois tão mansas,
Mas, cedo tereis vós a colera assassina
De quem vae algemado ás mãos da Guihotina !

* * *

Serei como um cão sem dono
Exposto á chuva, ao vento exposto ;
E atirada no abandono
Hão de cuspir-me no rosto...

Hei de perder o meu brilho
Na batalha, de vencida,
E não terei um só filho
Que me console na vida.

E a guerra que me fustiga
O Progresso, o Crescimento.
Abriu a porta inimiga
Para o Sol do Pensamento...

**Deixa-me presa á corrente
Das consequencias da luta,
Uma só voz não se escuta
Que o meu povo movimente...**

**De inanição morrerei,
Sem coragem para a guerra,
Meus soldados deixarei
Lá, sepultados na Terra...**

* * *

Ha no meu sonho a sombra da Verdade,
O meu Futuro é negro como a Noite
Fria, polar, de grande tempestade,
De trovões, de relampagos, de açoite !

Bayonetas caladas fazem guarda
Ao Progresso vital do meu Futuro,
Uma só sentinelha não resguarda
A vida de concordia que eu procuro !...

Não ha quem me defenda, quem me vingue,
O meu vigor de outr'ora já se extingue...

.....

O TEMPO:

Vejo-vos sempre grande, intangivel senhora
Deste encantado Reino, onde ha vida e ha riqueza,
Onde o Sol mais fulgura, onde palpita a Aurora
Deslumbrante demais de Graça e de Belleza !

O povo que vos ama e a Gloria que desponta,
Como um astro que vem dourando as cordilheiras,
São as provas reaes das victorias sem conta
Que o Futuro vos guarda... As aguias carniceiras

Nunca, nunca virão pousar nestas florestas,
Onde a Alegria canta e onde a Fortuna medra,
De onde o Bem presidiu, dictando as grandes festas
Do seu templo de luz, do seu throno de pedra !

Quem ha que vos não veja altivamente ufana,
Empunhando o cajado e dominando a Terra,
Tendo á frente a Justiça — a augusta soberana
Que tanto bem conduz, que tanta força encerra !

O Ideal é o vosso guia, e o Sonho realizado
E' a nave que vos leva ao porto mais seguro ;
Nada deveis temer; cortae, de lado a lado,
As trincheiras de accesso ás portas do Futuro !

Ha soldados na linha... E a vanguarda é valente,
Não teme o vão poder de um povo máo que ameaça ;
Ha de lutar, vencer, forte, altiva e potente,
Ha de a sombra esmagar dessa fatal Desgraça !

E depois, Liberdade ! Augusta Liberdade !
— Grito triumphal que vem, como um clarão profundo,
A Glória illuminar, por toda a Eternidade,
De quem tanto lutou pela paz deste Mundo.

Janeiro — 1914.

A lua

A Emilio de Menezes.

Noiva eterna do Sol, visão dos seus sentidos,
Que o não vê, que o não sente e que o anceia e procura...
E's a sombra da Luz, a essencia dos gemidos
De amor que morre sempre em leito de ventura...

Noite e dia, a scismar, ouves os alaridos
Do Mar, que é teu senhor, que te beija e segura,
Cantando madrigaes que ferem teus ouvidos,
— Lua, és concha do Sonho, e, ás vezes, da Amargura !.

Branca, alongando-o, no alto, o teu perfil imprime
A hostia magistral do Amor que se desata
Para glorificar o Peccado sublime...

A luz que de ti vem é, como um grande açoite,
A Treva a chicotear, quando os olhos de prata
Abres para espreitar as convulsões da Noite.

Hymno á creaçāo

A Claro Bilac.

... E bem haja a Creação, essa arvore possante
Que germinou, cresceu para a grandeza humana,
Que floriu para o Amor, que se tornou gigante
E a Terra fecundou... E' della que promana

A vida que se canta, a vida fecundante
Do vulto senhoril que a minha voz profana
Exalta... Gloria, sim, ao fruto coruscante
Que surgiu para o Bem, da Gloria soberana !

Si os versos são clarins, sejam tambem fanfarras
Estas rimas sem côr, estes versos que faço
Para glorificar, em musicas bizarras,

O vulto que se ergueu, tão alto, em nossa Historia,
Como a ascensão do Sol, abrindo para o espaço,
Os olhos para a Luz e os braços para a Gloria !

As folhas

A Osorio Duque Estrada

Nascem na Primavera aos primeiros arrancos
Da gestação da Terra... E têm, tal como a gente,
A mesma sorte incerta, os mesmos sonhos mancos
E as mesmas illusões da Vida de quem sente !

O Outono chega em meio... Aos trancos e aos barrancos
A vida dellas morre, e a ultima semente
Dos velhos frutos cárne, e de cabellos brancos,
Mordida pelo Sol impiedoso, inclemente...

Sem forças de viver, anda-lhes curta a Vida
E curvam-se ao furor das grandes ventanias,
Como os sonhos que leva a Morte de vencida.

Tragadas pelo Vento e mortas pelos Ais,
Ralam, do coração das arvores sombrias,
As lagrimas de luz dos velhos vegetaes !

Maria

A Goulart de Andrade.

Sol que illumina a Crença e a cuja sombra cresce
O Sentimento bom que a ser bom nos ensina,
Força que nos deu Fé, Força que ainda floresce,
Que ha dous mil annos já o seu Poder domina !

E' chegado o teu Mez ! Abre os teus braços, desce
Teu manto sobre a Terra. O Mundo que declina
Nunca mais te esqueceu e nunca mais te esquece,
Pois sendo Mãe és Santa, e mulher, foste Heroína.

Quem ha que te não louve e de Ti não dependa,
Quando a tua Obra vive a palpitar, erguida
No humano coração, na verdade da Lenda ?

Nasceu de tua entranya o Mestre mais profundo
Que domina, até hoje, a evolução da Vida,
E que ao Mundo surgiu, para salvar um Mundo !

Minha terra

A Domingos Barbosa.

I

Deixem cantar tambem a minha terra . . .

— Das bellas sertanejas os scismares . . .

Tudo que de soberbo alli se encerra :

O Céo azul, as aves e os palmares ;

Tudo o que é raro e entre esplendores erra,

Desde a pobreza rustica dos lares,

Ao incerto cimo da mais alta serra,

Desde a planta mais bella, aos nenuphares ;

Tudo o que encanta, que extasia e enleia,

Desde a canção dolente da cigarra,

A' branca Lua que os sertões prateia . . .

Deste exilio sem fim em que me vejo,

Eu cantarei, n'uma canção bizarra,

Na saudade infeliz de sertanejo !

II

Patria dos sonhos, terra desejada,
Onde vivem meus paes, meu Pensamento ;
Onde minh'alma viu, apaixonada,
A luz do Sol, o azul do Firmamento ! . . .

Patria dos sonhos meus, terra adorada,
Onde soluça em agro soffrimento,
Uma vida de mãe santificada,
Envolvida nas trevas do Tormento . . .

Patria dos sonhos meus, terra querida,
Onde do coração existe a Vida
Do filho ausente que te canta agora :

— Deixa, assim, que hoje corram, soluçantes,
Como as aguas que passam sussurrantes,
Deste teu filho as lagrimas que chora !

III

E do riacho de margens verdejantes,
Onde cantar ouvi a saracura,
Das bellas sertanejas arrogantes
De madeixas de rara formosura ;

Dos loiros passarinhos saltitantes,
Do seu cantar a melodia pura ;
Dessas frondosas arvores gigantes,
Onde a belleza mystica fulgura ;

De tudo, sim, aqui, na soledade,
Tenho no peito a sombra da Saudade,
Como um sonho do Bem, que não desterra . . .

E bradarei aos céos, como um proscripto,
Que o mundo inteiro ha de escutar meu grito :
— Bemdita sejas tu, ó minha terra ! . . .

O Maranhão

A Alfredo de Assis.

Como nunca, de novo, agora, alto desponta
No horizonte de fogo o novo Sol mais quente,
Mais forte e mais fecundo, e que, de ponta a ponta,
Tua floresta banha, embala e forma á frente...

Subo o alto da montanha... Ha nella luz sem conta...
Ha gritos de victoria... A Matta vibra, sente
Uma alegria estranha, e exulta. O Piága aponta
A setta e grita : "O' terra, abraça a tua gente !..."

Um brado forte e intenso ecôa : E's meu, fecundo
E altivo Maranhão !... Saúdo essa Victoria
Do teu braço liberto ! A Liberdade é um Mundo !

O hymno rompe a Floresta... A alma das folhas canta...
E as fanfarras da Luz rompem triumphaes... E a Gloria
De Tupy reviveu nessa Alegria tanta...

Forte foste entre os grandes e, cantando,
Pela Floresta secular, sombria,
Entraste, e, a Lyra de ouro dedilhando,
Ergueste a Natureza que dormia.

O Piága abriu-te os braços... E, cortando
O espaço, a setta forte e luzidia
Do teu verso passou, illuminando
As tribus de Tupy, que dirigia.

Teus versos são cantados na Floresta,
Pela voz da cunhan que anda, distante,
A despertar as arvores em festa...

Nos feitos de Tupy foste um guerreiro,
Cantando-os vives tu, como um gigante,
— Orgulho e Glória do Brasil inteiro !

Ah ! Caxias gloriosa ! Altar nobre e fecundo
De poetas e de heróes. Essa tua sombra egregia
E' a luz viva do Sol com que, orgulhoso, inunda
Minha vida de monge. E a tua vida, protege-a

Pan, o Deus forte e bom, o Sabio mais profundo,
Que te conduz, de braço, á luz da Gloria. E inveje-a
Quem, sem prazer, assiste ao progresso do Mundo
Que, para a Vida, é sempre uma victoria regia !

Hostia de minha Crença, ó Deusa do meu culto !
Bemdigo esse teu sólo em que meu Sonho encerra
O meu triumpho vital, a seguir o teu vulto !

Como eu te quero assim, altiva e senhoril
Princeza do Sertão, reinando em minha terra,
Pontificando sempre ao Norte do Brasil !

A Raymundo Corrêa

Cantaste !... E, como tu, ninguem cantando
Souve elevar tão alto a Natureza !
— Tu, que viveste a Lyra dedilhando,
Deixaste a vida nos teus versos presa !

E voaste, como um sonho, aqui deixando
A tua Patria envolta na Tristeza ;
Em quanto, como o Sol, vaes derramando
Symphonia de rima em luz accesa !

Tu não morreste para tudo quanto
Nas tuas obras másculas bebia
A soberba harmonia do teu canto...

Foste d'outras paragens á procura :
— Homem : — tombaste para a Terra fria !
— Astro : — subiste para a immensa Altura !

Lydia

Rosa nascida em fresca madrugada,
Feita de luz, de sonhos e carinhos,
Quando, da doce tepidez dos ninhos,
Despertava cantando a passarada !

Como foste tão cedo embriagada,
Na grande taça onde espumejam vinhos
Da Morte ; e, por alvissimos caminhos,
Levada foste á região sagrada,

Deixando no dorido e augusto seio,
De tua e minha mãe, a grande fragoa,
E um fragil coração partido ao meio !

Como foste feliz ! Da immensa altura,
Minha irmã,vê-me os olhos razos de agua,
E de joelhos beijar-te a sepultura !

Almas brancas

Almas brancas, de luz, ó almas peregrinas,
De onde vindes assim, em psalmos e surdinas ?

Desse mundo ideal em seda transportadas
Como os astros de luz em noites apagadas,

Procurando da terra a região sombria
De vós desconhecida, inhóspita e tão fria,

Alvos seios deixando, ethereos, perfumados,
Por este horrendo chão de horrores e peccados ?

Almas dos anjos bons, ó almas estrelladas
De sonhos sideraes e purpuras aladas,

O' Almas que habitaes o mundo dos mysterios,
Desprezae este chão de negros vituperios

E buscae novo Egypto ou nova Palestina,
Onde podeis ouvir a musica divina !

Caminhae e subi aos pincaros dos montes,
Que de lá ouvireis o murmurar das fontes !

Em iris flammejante e em tunicas de seda
Voltae, de novo, ao céo, á limpida alameda.

E ao clarão de um luar de branca refulgencia,
Symbolisae o azul, ó filhas da Innocencia !

Vós que sentis da luz estranha claridade,
Procurae habitar o mundo da Verdade,

Deixae do mundo vil as rusticcas umbellas
E além do céo subi, falae com as estrellas !

Lá podeis conhecer estranhos infinitos
De mysterios azues e divindades calmas,
Vindas de branco sonho e de sonhados ritos,
— Almas feitas de luz, ó Luz das brancas almas !

Homem=Deus

A Affonso Celso.

Levanta-te Judeu ! Jerusalém desperta...
Ha luz em cada olhar, em cada olhar ha vida
Nova... Mugem os bois... Na cidade deserta
Vibra o som dos clarins. A Terra está florida !

O Deus-Homem nasceu !... O' menestreis, alerta !
Pastores, á Belém... A luta foi vencida...
Louvemos a Jesus ! Eis-nos, enfim, aberta
A porta magistral da Gloria promettida !

Assim falou Gabriel á Terra que fremia,
Quando, sabio, immortal, como um clarão profundo,
Em Belém triumphou, o Filho de Maria,

Que, symbolo da Fé, e Gloria do Peccado,
E homem que se fez Deus e dominou o Mundo,
No Golgotha morreu, por nós, crucificado !

Olhando o mar

A Pedro Oliveira.

Alma da Terra !... Altar de pedrarias,
O' Semi-Deus supremo da Tortura,
No dorso teu soluçam symphonias
De Magua e Dôr, de Morte e de Loucura...

Desse teu coração, todos os dias,
Ouvem-se os hymnos rôxos da Amargura,
Cantados pelas ondas alvadias,
No holocausto da Dôr e da Tristura !

Com tua insana e desvairada lida,
E em teus finos coraes, ensanguentada,
Palpita, em ancia, a perola da Vida !

Em ti, ó Mar, ó velho Mar profundo,
Vejo os olhos da Morte, para o Nada,
A seduzir-me do festim do Mundo !

Na pagina de um livro

A poesia Violeta Odette.

Uma artista que vem com exito seguro...

— Versos que a gente lê com desmedido gosto,
Com alma, com prazer, com sentimento puro,
Sem nelles encontrar o rythmo mal posto.

E o livro é bom, é grande ! E ha Promessa, ha Futuro...
Não é demais dizer que todo elle é disposto
Com esthesia sã... Com verdadeiro apuro
A Fórmula se apresenta em singular composto !

Ha nelle Vida e Luz, Arte, Amor e Talento...
E todo o seu conjunto é um lindo cofre aberto
A's sensações vitaes do humano Sentimento !

A autora tem valor para cantar Victoria :
— Moça que pensa e lê, de espirito liberto,
Abre com chave de ouro o aureo templo da Gloria !

O jornal

Para o Dr. Fernando Mendes de Almeida.

JORNALISTA :

Fazer jornal !... Ingrata a vida, eterna luta
De quem vive a bater nesta tenda que cança,
Para nunca vencer a consciencia bruta
De quem não sabe ver como a injustiça lança

O pobre lutador ao Esquecimento, ao Nada,
Sem ter, sequer, do Povo a justa recompensa
Do seu esforço ingente, e da batalha honrada !

— Assim, quem poderá lutar, que lute e vença ?...

.....
Não temos forças mais ! Já nos falta a Razão !

— Só nos vem desta vida a vil Ingratidão !

POVO :

Jornalista ! Segui a vossa longa estrada,
Derramando o Saber e conquistando Gloria,
Que um dia haveis de ver, como o Sol na Alvorada,
Vosso nome brilhar no grande céo da Historia !

14 de Julho

Para um milhão de gente a data de hoje é grande,
Tão grande como o Sol, tão nobre e tão altiva,
Que de força maior não ha poder que mande
Calar, n'alma do Povo, a voz que foi captiva.

E' a queda da Bastilha, e basta ! — E' como que ande
O espirito do Bem a derramar tão viva
A luz da Liberdade, a luz que sempre expande
Vida e Força, e Calor nos corações aviva...

E a data da Bastilha é, para mim, funesta
Porque nella nasci ! E' como se a ferida
Sangrasse no meu Ser neste dia de festa.

E o dia em que nasci, para os outros, rebrilha,
E eu soffro, como um servo, e luto pela Vida,
E a Vida, para mim, é uma nova Bastilha !

Dor muda

A Carlos de Lat.

Sou o mais infeliz de toda a gente
Que este mundo de tartaros habita ! . . .
— Quem soffrerá, como eu, constantemente,
Que nunca, de chorar, não teve a dita ? !

Feliz de quem viver o Bem consente,
E a grande Dôr, com lagrimas, evita . . .
Miserrimo o meu Ser que tanto sente
E não pôde acalmar tanta desdita ! . . .

E toda a minha Dôr, sinto-a por dentro,
Com lagrimas dizel-a não mereço,
E vivo e soffro e, em maguas, me concentro . . .

. . . Rasgados tenho já d'alma os refolhos . . .
Todos choram, no Mundo, e, em vão, padeço
E não acho uma lagrima nos olhos !

Deus!

EDUARDO GOMES

L'esprit de Dieu, comme le soleil, donne toujours à la fois toute sa lumière.

VICTOR HUGO.

Descrentes ha que dizem não existe
Claro, no grande throno da Verdade,
Um supremo inventor da Humanidade,
De tudo que ha de bom, divino ou triste :

Do Mundo, da Bondade que resiste
O Bem, o Mal, Villeza ou Castidade,
O Perdão, injustiça ou Caridade
E tudo o que do Céo criaste e viste...

Em ti acreditar... nem sei se o devo !
O' Deus supremo de bondade cheio,
Cuja existencia a não negar me atrevo !

Si dúvidas, porém, ténho commigo,
Si em muitas maravilhas eu não creio,
Pelo menos te chamo e te bendigo !

Pelos aliados

Homem-pó, sê piedoso... A Caridade é a vida
Do Sentimento, é a Luz que vibra e que conforta,
E a epopéa sem fim da Victoria esquecida
Nos momentos crueis em que a Desgraça exhorta.

Ser bom é ser feliz... E é descobrir na lida
Transcendental do Ser que a gente mal supporta,
Do problema vital uma equação perdida
Que um dia nos passou, cantando, pela porta.

Abre o teu coração, minora o soffrimento
De quem batalha agora e na luta se abate
Pelo supremo Ideal que rége o Pensamento...

Leva o conforto teu aos grandes torturados :
Para aquelles heróes que tombam no combate
Pela gloria triumphal que anima os aliados !

Visão sinistra

A Oscar Lopes.

Morre o dia e na curva avermelhada
Do firmamento o Sol desapparece.
Convulsamente, e pela mesma escada
Do Sol, sinistra e torva a noite desce.

Silencio em tudo. A escuridão parece
Tingir de luto a cupola azulada,
E o campo em flôr de subito emmudece,
Segue a Tristeza a lugubre jornada...

E ouço, de leve, pela noite morta,
Do casarão abrir-se a velha porta
E uma visão penetra sem receio...

Era o espectro da Dôr — era a Saudade —
Que, vendo-me na flôr da mocidade,
Procurava abrigar-se no meu seio.

Sem rumo

A Alvaro de Castro.

Anda por toda a parte uma Agonia lenta,
Uma Tristeza forte, uma Dôr que não finda...
Tudo se faz em Treva e o Sonho que rebenta
Parece que não vive, ou não nasceu ainda !

E a existencia do Ser, só a Febre alimenta
De soffrimentos máos que trouxe a minha vinda,
E hoje eu procuro a Morte, esguia e macilenta,
Que eu julgo para mim tão risonha e tão linda !

E, se um dia vencer essa barreira estranha,
Levantarei, bem alto, o grito de Victoria,
Mais nobre do que a Luz, mais alto que a montanha.

Resurja dentro em mim a luz de uma outra vida,
Para tocar, no Mundo, as fanfarras da Gloria,
Descobrindo, outra vez, a Terra-Promettida !

SIMPLES

The following list is the result of my personal experience and observation, and is given in the hope that it will be of service to others who are interested in collecting and growing up a few simple plants for their own use. It is not intended to be a complete list, but rather a few common and easily grown plants which may be of interest to those who are interested in botany and horticulture. The list includes the following:

- 1. *Artemisia vulgaris* (Common mugwort)
- 2. *Astragalus cicer* (Cicer root)
- 3. *Beta vulgaris* (Beta vulgaris)
- 4. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 5. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 6. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 7. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 8. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 9. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 10. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 11. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 12. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 13. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 14. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 15. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 16. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 17. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 18. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 19. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 20. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 21. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 22. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 23. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 24. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 25. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 26. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 27. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 28. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 29. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 30. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 31. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 32. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 33. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 34. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 35. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 36. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 37. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 38. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 39. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 40. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 41. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 42. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 43. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 44. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 45. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 46. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 47. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 48. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 49. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 50. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 51. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 52. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 53. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 54. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 55. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 56. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 57. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 58. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 59. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 60. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 61. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 62. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 63. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 64. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 65. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 66. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 67. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 68. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 69. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 70. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 71. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 72. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 73. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 74. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 75. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 76. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 77. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 78. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 79. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 80. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 81. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 82. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 83. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 84. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 85. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 86. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 87. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 88. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 89. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 90. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 91. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 92. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 93. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 94. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 95. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 96. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 97. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 98. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 99. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)
- 100. *Carex sylvatica* (Carex sylvatica)

Dominado

Nasci para ser forte e viver como o Christo,
Philosopho, a pregar o Bem para os incultos :
— Capitulos reaes de um Livro nunca visto,
Relendo-os, descobrir velhos trechos occultos...

E vivo sem viver !... Nem sei mesmo se existo
Ou se passo a fingir por entre os homens cultos ;
Porque, fraco eu me sinto e sei que não resisto
Do pesado Soffrer os pesados insultos !

E rir, sempre suppuz dos outros torturados...
Miserrimo que eu fui ! Minh'alma, já descrida,
Compõe-se hoje de mil capitulos maguados !

Mas ah !... E' que ninguem entende a minha Dôr :
Pois se forte quiz ser para enfrentar a Vida,
Fui fraco, ainda mais, para enfrentar o Amor !

Dentro da selva

A Medeiros e Albuquerque.

I

Foi no tempo feliz da vaqueijada :
Floria o campo. O coqueiral abria
Os leques verdes, pela madrugada,
Quando o Vento do norte o sacudia.

A alma simples da Selva perfumada
De flores novas os sertões enchia.
Diligente, o vaqueiro, na chapada,
A' procura do gado proseguia . . .

Acorda a vida toda da vivenda.
O Sol banha de luz as flores todas
Das arvores da porta da Fazenda . . .

Sahimos pelo campo, agora em festa,
Para assistir dos passaros ás bodas
No verde coração dessa Floresta !

II

E entrámos no Castello da Belleza,
Onde a grande Alegria é magestade,
Nos dominios sem fim da Natureza
Que nunca a sombra da Tortura invade...

Onde se ostenta a vegetal riqueza,
Onde a Fortuna, por felicidade,
Do velho lavrador, ergue a nobreza
Do seu eterno culto de bondade...

E junto ás velhas arvores amigas,
Entre esses lindos passaros cantores,
Escutando das folhas as cantigas,
Sentimos nós as vibrações primeiras,
E nasceram tambem nossos amores,
A' bemfaseja sombra das palmeiras...

III

Passavamos as horas esquecidos
Da gente pobre e do trabalho rude,
Deslumbrados na Luz, olhos perdidos
Na grandeza do Sonho e da Saude...

Nos pequizeiros verdes e floridos
A abelha-mestra o sertanejo illude.
A canção do vaqueiro aos meus ouvidos
Penetra, em toda aquella sã quietude...

Na leve calma desse campo morno,
Com orquestras de folhas e cigarras
E as commissões dos passaros em torno,
A Gloria no desejo de transpor,
Nós celebrámos, em canções bizarras,
A belleza immortal do nosso Amor !

IV

Declina o Sol... E, sobre a Matta, desce
A tarde morna... O gado, na carreira,
Deixa, alegre, a vertente que emmudece
E procura, dos campos, a clareira...

Das folhas novas a alegria cresce,
E canta na choupana a tecedeira...
Ha vida e sombra ; e tudo, ali, parece
Synthetisar a Vida verdadeira...

Volta o vaqueiro para a casa sua...
A' porta do curral ficam matutas,
Para saudar a apparição da Lua.

E a Noite estreita a Selva em longo abraço.
Repousa a Terra, para as novas lutas,
E tu voltas contente por meu braço !

V

E quanta vez entrámos pela Matta
Colhendo frutos novos, a cantar....
Matavas borboletas !.... insensata !
Quando perto de ti vinham pousar....

E á sombra que a velha arvore retrata,
Ficávamos os dous a conversar,
E do caminho sobre o areal de prata
Ias teu lindo nome a desenhar....

Hoje vejo a visão desse Passado,
Que se desenha para o Pensamento :
Do tempo, para mim, sempre lembrado !

E vejo, aqui, na immensa confusão
Desta cidade, no deslumbramento,
A augusta sombra verde do sertão !

Redondilhas

A Adelmar Tavares.

Bemdigo a immensa ventura
Da noite em que te encontrei...
E a tua linda figura
Fidalga, que eu tanto amei...

Em teu todo de princeza
De linhas rectas e finas
Resume-se a Natureza
Nas suas fórmas divinas...

Teus olhos negros, maguados,
Que dão vida ás amethystas,
Deram-me os tons torturados
Da tristeza dos artistas...

A tua voz, que me inspira,
Tal como os crystaes dispersos,
Dedilhou a minha Lyra
Para escrever-te estes versos.

Recebe-os, que é bem verdade
Tudo o que eu te escrevo agora,
Pois hoje tenho saudade
Do teu sorriso de aurora...

Tuas mãos, lindos abrólhos...
São teus cabellos açoite...
Tem o negror dos teus olhos
A profundez da noite.

Ha no teu vulto divino
Um relicario de Dôr,
Para o meu todo frazzino
Que morre por teu Amor !

Tenho-te em meu Pensamento
Que a tua imagem resume :
— E's a flôr do Sentimento,
E o perfume do Perfume.

Pelo Amor que me inspiraste,
Gloria a ti, gloria ao teu vulto ;
Por tudo quanto falaste,
E's a deusa do meu culto.

Com esse olhar que fascina
Não me queimes, por quem és :
— Serás minha Colombina,
— Serei Pierrot a teus pés...

Elogio dos seios

Alvos seios de jaspe, bellos seios
De vinhos e de aromas fabricados,
Que andam presos em rendas e bordados,
Tentando o Mundo em biblicos meneios.

Sois os Titans dos corações alheios,
No Goso e no Sentir crystalisados...
Vós sois a grande origem dos peccados
De que, na Vida, já vivemos cheios !

Em vós cantam luxurias e agonias
E volupias de sonhos derradeiros
Envolvidos em ancias erradias...

E assim, de outro não sei que vos entenda
Como doux pombos brancos, prisioneiros,
Nesse bemdito carcere de renda !...

Hymno á carne

Expõe-te Carne morna e rugidora,
Ao profano mercado dos profanos,
Faze-te floração verdecedora
Dos gosos naturaes e soberanos...

Torna-te a Venus purificadora
Dos desejos mortiferos, insanos,
Abrindo a rubra sêda tentadora
Dos teus braços de luz, para os humanos...

Vem trazer-me os teus beijos que maltratam,
Palpitando no sangue dessa boca
Mordida dos desejos que me matam !

Quero o Goso do Bem purificado :
— Morro de Febre, na Volupia louca,
Si não beber o Vinho do Peccado !

Do meio do caminho

A Alberto de Oliveira

A madrugada vinha
Todo o infinito azul ensanguentando !
Meu pensamento eu tinha,
Dos sonhos meus no pincaro pairando,
E tu, ó doce creatura minha,
Nos olhos meus, em lagrimas, errando.

Sahi pelo caminho
Bebendo, a sós, a doce claridade
Dessa manhã de linho...
Tua imagem levando
Nas duas grandes azas da Saudade,
Vendo um milhão de passaros voando
Em grande torvelinho
Em derredor de mim, mais augmentando
Minha infinita e trêfega anciedade !

Cada ramo que eu via
Sobre a estrada pendendo,
Tua imagem de flôr me parecia
Como que a mim dizendo :

Segue essa estrada lugubre e sombria :
Eu serei sempre, assim como estou sendo...
Leva meu coração dentro em tua alma
Deixa teu coração junto commigo ;
Quero soffrer, com elle, a dôr incalma
Desta saudade que me vem nascendo ;
Quero, em soluços, partilhar contigo
Deste immenso soffrer !
Desta Agonia o negro fel bebendo
Quero, de dôr, por ti, tambem morrer... .

Segredavam-me as flores
Numa celeste e vivida harmonia
De perfumes e côres,
Que supplantava a doce melodia
Dos passaros gentis que, ali, naquella
Romaria das arvores e odores
Vinham tambem me aparecer com ella.

Vamos ! Diziam sacudindo os ramos
E as almas virginæs dos passarinhos... .

Nós queremos seguir-te, amigo, vamos !
Queremos ensinar-te estes caminhos !

Cada voz que eu ouvia
Meu coração agonico pulsava
Convulsamente, e pallido tremia
E assim tambem falava :

Que voz, amigo, estou agora ouvindo !
Que mysterios são estes que estou vendo ?
— As arvores e as flores vão sorrindo,
E os passaros aligeros, querendo,
Em festas, ensinar-te a longa estrada
Que vaes agora caminhar sósinho,
Ao nascer da alvorada.
Que sobre a Terra vem jorrando vinho !

Um instante, alliviado o soffrimento
Ao coração falei :
Amigo ! Esta alegria,
Que nasce agora e canta aos teus ouvidos

Vem-nos, aqui, trazida pelo vento,
Vem-nos, aqui — eu sei —
Para arrancar, de ti, esta agonia,
Este immenso soffrer que assim te cança,
Restituindo-me a ultima Esperança
E os doces sonhos para mim perdidos !

E segui... E segui, tendo no peito
Um claro amor das esperanças cheio,
Alegre como outr'ora...

A cantar, a sorrir, entre os fulgores
Desse dia de luz tão claro e feito
Para quem vê cantar-lhe nova aurora
De prazeres, de sonhos e de enleio,
Numa festa de passaros e flores !

E segui pelos passaros levado,
Tua imagem levando nos meus olhos
Meu pensamento a ti sempre elevado,
E vendo, dessas flores, perfumado
Esse caminho que eu pensei de escolhos !

Emfim cheguei !... E destes campos venho
Cantar-te, agora, todo o meu tormento,
Para que saibas que eu conservo e tenho
Dentro, em meu peito, retratado ainda,
Como um viçoso e flórido rebento,
Esse teu vulto de princeza linda !

Sataniza

A Senhorita Vera

Conheço-a, esguia e tréfega sultana
Com bizarra attitude para o Mundo...
Da perpetua Alegria soberana,
Que faz do seu olhar um Sol fecundo !

Arisca e fragil, como a sevilhana,
Com esse gesto de desdem profundo,
O seu sorriso agudo não engana...
... Que ha de enganar, segundo por segundo !

Quando eu a conheci, apenas era
Tal uma rosa, na primeira idade,
Abrindo os olhos para a Primavera...

Um crysánthemo aberto symbolisa :
— Foi pela sua singularidade,
Que, uma vez, a chamaram: Sataniza !

Relicario

Tenho um cofre de perola no seio
Onde contrito guardo os meus segredos...
Abro-o de quando em vez ; e, quando leio
As lindas cartas de gentis enredos,

Sinto-me bem ! Tenho, porém, receio
De que venha, por traz dos arvoredos,
Um vulto negro, de maldade cheio,
As lindas cartas me roubar dos dedos !

A ultima vez que o abri foi em Novembro,
Ao receber teu ultimo presente
Que escondi entre beijos... Bem me lembro !

E, em meio ás outras cousas que me déste,
Guardei, contrito, humilde e reverente,
Teu ultimo postal que me fizeste !

Teu leque

O lindo leque teu, branco, enfeitado
De bonitas e rutilas pedrinhas,
Commigo o tenho, como um Bem, guardado
Dentro do cofre das reliquias minhas.

Tenho com elle o maximo cuidado,
Como tu mesma, ás vezes, o não tinhas...
Pois nelle encontro do teu vulto amado
O desenho dos gestos e das linhas !

Com elle, á noite, no meu quarto falo,
E, ás vezes, tenho uma vontade louca
De romper os preceitos e... beijal-o.

Mas... tenho medo que, profano, peque
Si puzer, por ventura, a minha boca
Nas opalinas talas do teu leque !

Ancia suprema

São os teus olhos a suprema Vida,
Que me dá vida para a Vida inteira...
— Vejo-te sempre, sombra preferida,
No caminho de luz, dessa maneira...

Em tua voz suavissima e brejeira
Que anda cantando por ahi, perdida,
Descubro a madrugada derradeira
Da tortura dest'alma consumida.

Quem não vê no teu todo de princeza,
O grande mal que déste ao torturado
Pelo infinito bem desta Tristeza ? !

E é desse olhar brilhante que renasce
A ancia de ser, um dia, sepultado
Nessa covinha que tu tens na face !

Dívino roubo

Um criminoso sou, tenho certeza...

— Fui um ladrão e altisono confesso...

E creio, para mim, não ha defeza,

Nem tão pouco perdão a ninguem peço.

Mesmo nos crimes dessa natureza

Nenhum recurso existe no processo...

— Voltam quesitos promptos para a mesa :

— Do julgamento meu as horas meço !...

E formou-se o Conselho Soberano,

Quero pedir, por ultimo, licença

Para dizer o crime do tyrano :

— Ante o Supremo Tribunal me vejo,

— Julguem-me os homens, lavrem-me a sentença :

— De uns labios de mulher furtei um beijo !

Confissão

Si, ás vezes, vou os olhos meus volvendo
Para, de amor, dizer-lhe algum segredo ;
Si, nesse instante, em mim, seus olhos tendo,
Vê que a divina luz estou bebendo,
Vae, de repente, desapparecendo,
Estranhamente, tremula de medo !

Porque te esquivas, tanto, aos meus olhares
Com tanto orgulho assim ?...
Não vês que tenho no intimo do peito
Um coração martyrisado e feito
Para este amor, de sonhos singulares,
Que tenho dentro em mim ? !

Bem sei que tens um coração ! No entanto
Não conheces em mim o verdadeiro
Amor que sinto, o grande amor que tanto

Me traz esta alma em dolorido pranto,
E o coração coberto pelo manto
De luz ardente deste amor primeiro ?

E's realmente impiedosa...
Não te commoves desta dôr que sinto
Envolver-me a alma n'um soffrer estranho ??
— Ella que foi, outr'ora, poderosa
Hoje, do amor no seu poder tamanho
Presa se vê no grande labyrintho !

Tens orgulho bem sei !... mas, tem piedade :
— Deixa que eu beba a luz desses teus olhos !
Arranca-me do peito esta anciedade !
Deixa que eu sinta a estranha claridade
Do teu amor que vivo procurando,
E na minh'alma limpido, cantando
Vir penetrar nos ultimos refolhos !

Tem piedade de mim ! deste pequeno
Coração que hoje vem na dôr incalma
Para dizer-te que já viu sereno
O teu semblante immáculo e moreno
Bem retratado dentro de minh'alma !

Tem piedade de mim ! Deixa que o meu
Immenso amor tão limpido e tão puro,
De maguas entre incólume, sorrindo
No grande céo extraordinario, infindo :
— No céo do amor — o coração — no teu
Bom coração que conquistar procuro !

Quero aquecer-me á luz dos teus carinhos !
Quero beber a luz desses teus olhos !
Ouvindo a voz dos passaros nos ninhos,
Embriagar-me nos ultimos lampejos,

E, na divina musica dos beijos,
Transpôr o mar immenso dos escolhos !

Mais uma vez piedade ! Olha : Não vês
Como este amor em mim palpita e cresce ?
Quanto mais eu te vejo me parece
Ir nascendo do amor a grande messe
Dos sonhos que não tens e em que não crês !

Porque te esquivas tanto aos meus olhares
Com tanto orgulho assim ? !
Vem esgotar-me a fonte da Tortura !
Abre-me a porta eterna da Ventura,
O' princeza da terra dos palmares,
Abre os teus olhos negros para mim !

Vida nova

Canta-me n'alma um novo amor... e canta
Com tanta fé, com tanta força vibra,
Que o coração, de novo, se levanta,
Despertando uma crença em cada fibra !

Todo o meu Ser se agita e se quebranta
Na vertigem que os sonhos equilibra,
Bebendo a luz purissima que tanta
Vida e Poder nos corações desfibra !

O' Luz, ó Crença ! Amor ! — doce Magia !
Vinde cantar em mim, porque vos amo,
Como á soberba e rutila Harmonia :

Eu vos receberei, joias custosas,
E, sob vós, meu coração derramo
Numa chuva de petalas de rosas !...

O meu consolo

Gabola e feio, estupido e pedante,
Hoje me chamas... com razão, de certo,
Porque se já te amei, isto é o bastante
Para haver, entre nós, o Inferno aberto.

Esse indizivel odio, esse constante
Odio formal, que, em ti, vejo desperto,
E'-me o doce prazer vivificante
De que hoje tenho o coração coberto.

Assiste-me tambem igual direito,
De feia te chamar, entre as mais feias,
De todas as mulheres do teu geito.

Melhor consolo tenho ao teu desdem :
—Se és hoje má e com razão me odeias,
Hontem, vaidosa, me quizeste bem !

Olhos castanhos

Esses castanhos olhos tentadores,
Feitos da luz siderica dos cirios,
São, para mim, as chagas de mil dores,
De tormentos, angustias e martyrios !

Olhos castanhos, purificadores,
Vindos de estranhos, lyriaes Empyreos,
Na alleluia azul, diaphana, das côres
Dos lilazes, dos trêvos e dos lyrios...

Olhos castanhos, tentadores olhos
Que me descobrem rispidos abrolhos
Na tormentosa estrada indefinida...

Sois o fóco de luz que não declina,
E o poderoso Ser que me domina
Nesta mesquinha e tortuosa Vida !

Supremo anseio

Si te dizer pudesse
Tudo o que sinto e que padeço agora...
Si de falar sómente
Comtigo ensejo houvesse
Do grande amor que sinto palpitando
Dentro do peito, convulsivamente,
Como um formoso passaro cantando
Ao coração da Aurora,

Talvez que a mim — o misero mendigo,
Que te pede uma esmola, hoje, ajoelhado,
E ao teu pequeno coração amigo, —
Não me deixasses nunca ser levado
A este grande desprezo
Do amor de sertaneja que eu bemdigo,
E, orgulhoso, me inspira
Esta paixão primeira que hoje tenho
E a que me sinto preso,
E, pouco a pouco, de minh' alma, tira
A propria vida que entregar-te venho !

Como seria bom si eu confessasse
O grande amor que sinto
E de longe te dei !

Como seria bom si eu te falasse
Deste amor que, dizendo-te não minto,
Que nos meus versos já te confessei !

Que suprema ventura em te falando
Desta chamma de amor que me consome
Toda a alegria ultima que eu tinha !

— Que me plantou no peito esta agonia
Por este amor em desvairada fome ;
E, de minh'alma, celere, levando
Toda a calma que tinha e me sorria,
Em troca deixando
Toda esta grande desventura minha !

Como seria bom, alma bemdita,
Si, junto a mim, o teu corpinho vendo
Eu pudesse dizer-te ao coração,

Na poderosa força que se agita,
Transformando minh'alma num vulcão,
Tudo o que de mysterio apparecendo
Sinto tanger no peito esta paixão !

Que ventura, sem fim, não sentiria
Nesse feliz momento
Em que eu pudesse revelar, baixinho,
Numa estranha alegria,
— Na alegria sem fim de um passarinho,
Todo este grande e louco soffrimento
Que me nasceu por ti,
E por ti viverá dentre em meu seio
Até que eu sinta um dia,
Entrar-me n'alma, n'um deslumbramento,
O claro amor, o grande amor que eu leio
Nos teus divinos olhos que hoje vi !

Que alegria sem par teria eu n'alma
Si, a mim, voltando a limpida alegria,

Que alegria sem par a encher-me esta alma
Si, a mim, voltando a limpida alegria
Me voltasse tambem a grande calma
Que no peito, outr'ora, me sorria !
E esta agonia louca desertando,
Voltasse, a mim, ao coração, cantando
Teu coração que não pulsára um dia !

Clamando...

Amo-te muito... E, quanto mais eu te amo,
Tanto mais vivo quanto mais te quero...
— O teu amor a minha vida eu chamo,
— Do teu amor o meu viver espero.

Teu coração é a chave de minh'alma,
E' teu sorriso o vinho do meu Ser,
Os olhos teus me trazem tanta calma,
Tanto amor, tanta luz, tanto viver !

O meu amor, cantando sem receio,
Sinto vibrar na chamma em que nasceu,
Como se visse, em impetos, no seio,
Pulsar teu coração dentro do meu !

Mesmo encontrando em ti tanta bondade,
Julgo-me ainda um moço sem ventura,

Pois, em sonhos, descubro falsidade
Do teu amor, nas chamas da loucura !

E passo assim sem ser feliz, não sendo
Um pária sem amor, desventurado,
Porém, n'uma incerteza vou vivendo :
— Em não ser, como eu te amo, tanto amado !

Depois que os sonhos vão, bemdita sina !
De tudo meu amor desacredita,
E bebo em teu olhar, mulher divina,
A luz de uns olhos de mulher bonita !

E peço a ti mais luz para a minh'alma,
— Vinho e mais luz de amor quero beber,
Só tu podes me dar alguma calma,
Todo o Bem, todo o Amor, todo o viver !

Insensível

Por mais que tente convenceer-te, agora,
De que deves deixar de mal querença,
E trazer-me, de novo, o amor que, outr'ora,
Entre nós dois nasceu com tanta crença,

Nada, no mundo, esse odio teu minora,
Nada posso fazer que te convença;
Tornas-te muda á Dôr que me devora,
Tornas-te surda á minha dôr immensa.

E vem de ti o mal que estou soffrendo,
Subindo do Despreso a longa escada...
Por isso, Flor do Mal, eu não te entendo,

E nem posso entender a tua Vida,
Pois é tua alma uma deserta estrada,
E este teu coração é uma avenida !

Última carta

Por fim tem esta carta, unicamente,
Fazer-te, Amor, meu ultimo pedido...
(Tempo melhor passei vivendo ausente,
Antes tivesse, sem te ver, morrido !)

Não me quiz Deus, porém, prestar ouvido,
E, agora, venho te pedir sómente :
(Como se por um Deus tivesse sido,
Morto por ti, eu morrerei contente !)

— Mata-me, cedo. Antes, porém, procura
O que eu te dei : devolve o meu ingresso,
Feito dest'alma escravizada e pura...

Sei que me odeias ; teu olhar m'o diz !
Pelos teus olhos negros eu te peço :
— Mande-me as cartas todas que eu te fiz !

Anciá

No nervoso festim dos teus abraços,
Na virginal brancura dos teus braços
Quero dormir o sonno derradeiro ;
Nos mysterios de um sonho alviçareiro !

Quero subir aos fúlgidos espaços,
Nas azas dos teus beijos prisioneiro,
No coração levando os rubros traços
Dos sonhos immortaes de aventureiro !

Quero subir num sonho côr de rosa,
Numa alvorada clara e luminosa
Dos teus beijos sensuaes, preso nos laços...

E, assim, para subir glorificado,
Quero remir meu ultimo peccado,
Na brancura nervosa dos teus braços !

Seus olhos

A Luis Peixoto

São dois astros scintllantes,
Origem da magua minha,
Duas estrellas brilhantes,
Os olhos da moreninha.

Se para os céos os levanta,
N'uma attitude divina,
Esses olhos de santa,
De frouxa luz diamantina,

A natureza se ufana,
E lhes faz alto cortejo,
E estrellas, em caravana,
A contemplal-os eu vejo.

Prendem mesmo a humanidade,
Pasma a multidão ao vel-os,
Seus olhos, — fatalidade !
Eu não posso descrevel-os !

Resignado

Tenhas-me assim, embora, abandonado,
Despertando em meu Ser o soffrimento,
Farei do teu desprezo um Bem sagrado,
Do teu odio farei contentamento.

Vendo-me, agora, desse amor privado,
Dentro da magua do Anniquilamento,
Não me julgo, por isso, um desherdado,
Nem, tão pouco, terei ressentimento...

Antes procuro reviver contente
Porque te amei... E, alegremente andando,
A me julgar o mais feliz vivente,

Entrarei, como o rei deste Universo.
Pela floresta deste Amor, cantando
A marselhesa triumphal do Verso !

Sem batina...

N'uma antiga cidade ou n'uma aldeia,
Onde morei, por longo tempo, havia
Certa moçoila que, não sendo feia,
Sempre a cabeça, ás voltas, me trazia...

Não querendo, porém, perder a Ideia,
Pensei deixal-a... E tanto fiz que, um dia,
Briguei com ella e, logo após, deixei-a
E fui pregar em outra freguezia...

Havia, nesse tempo, na cidade,
Um padre moço e "smart" que andava á pista,
Querendo namorar a tal deidade...

Até que, certa vez, essa menina,
Sem receio acceitando a tal conquista,
Fez o padre deixar logo a batina !...

Torturado

Si tu soubesses, por ventura, quanto
Meu coração, por ti, vive soffrendo;
Si tu soubesses enxugar o pranto,
Que, de minh'alma, celere descendo,

Sinto pisar, aligero, no canto
Do meu pequeno coração, fervendo,
Talvez, de amor, eu não soffresse tanto,
E nem bebesse o fel que estou bebendo !

Si tu soubesses entender meus versos,
Feitos, embora, á sombra da Agonia,
E que andam, hoje, por ahi, dispersos,

Talvez não fosse assim, tão desgraçado,
Pois novo amor, clarissimo, surgia
Das velhas cinzas mortas do passado !

Morte de Rosa

Entre os lençóis alvissimos de linho
Rosa deitada, placida, dormia,
Quando junto ao seu leito, de mansinho,
Voluptuoso um beijo eu lhe pedia !

Sua bocca de flôr cheirava ao vinho
Capitoso do Amor, com que Judia
Embriagava a brancura do seu ninho,
Todas as vezes ao deitar do dia . . .

Tomei as suas mãos brancas, de leite,
E deu-me Rosa, em ancias e desejos,
Dos enfeites dos labios um enfeite ! . . .

E ao triplice rumor dos meus abraços,
Na volupia infinita dos meus beijos,
Rosa morreu de goso nos meus braços !

Crença morta

A uma infeliz

Quando me lembro que já foste um dia
Por outros labios, tremulos, beijada,
Sinto minh' alma livida e sombria,
N'um sudario de neve amortalhada !

Sinto acérbo tremor na carne fria ;
Numa estridente e douda gargalhada,
Vejo o phantasma negro da Agonia
Conduzir minha Crença estrangulada !

Arde-me o cerebro, a cabeça estala,
E o coração em duvidas me fala
N'uma febril e desvairada lida :

— Louco ! abandona essa mulher impura,
Embriagada no Vicio e na Loucura,
Sem Pudor e sem Pejo e já sem Vida !

Miserere

I

Essa estranha e formal simplicidade,
Essa meiguice que ninguem descreve,
Cantam-me n'alma, como ao céo de neve,
Canta, em mysterio, toda a suavidade.

Esse teu rosto na primeira idade,
— Botão de flôr a despontar de leve, —
Minha penna de moço não se atreve
Descrevel-o com toda a identidade !

No emtanto, sei que, desvairada e louca,
Anda minh'alma a todo instante ouvindo
As palavras de amor em tua bocca . . .

E é por isso que vivo procurando :
Teu coração que me seguiu sorrindo,
E que hoje vae, não sei porque, voltando !